

TEATRO DO OPRIMIDO COMO HORIZONTE PARA A PROMOÇÃO DO DIÁLOGO SOBRE VIOLÊNCIAS NA ESCOLA PÚBLICA

THEATER OF THE OPPRESSED AS A HORIZON FOR PROMOTING DIALOGUE ABOUT VIOLENCE IN PUBLIC SCHOOLS

*Fernanda Lemos*³⁶

Universidade de São Paulo

Resumo: Essa pesquisa instrumentaliza o método Teatro do Oprimido (1975) com o propósito de dialogar sobre situações de violências na escola. A coleta de dados foi realizada com noventa e dois estudantes da 1ª série do Ensino Médio de uma escola pública, por meio de oficinas mediadas pelas técnicas, jogos teatrais, Teatro-Imagem e Teatro Fórum. Para o aprimoramento qualitativo foi realizada a aplicação de um questionário, composto por questões sobre violência escolar e comunitária. Após a experiência com o método foi observado uma postura crítica dos estudantes diante de suas realidades e uma maior compreensão dos impactos das violências nas relações sociais.

Palavras-chave: violências; escola; Teatro do Oprimido.

Abstract: This research instrumentalizes the Theatre of the Oppressed method (1975) with the purpose of discussing situations of violence in schools. Data collection was carried out with ninety-two students from the 1st year of high school in a public school, through workshops mediated by the techniques, theatrical games, Image Theatre and Forum Theatre. For qualitative improvement, a questionnaire was applied, composed of questions about school and community violence. After the experience with the method, a critical stance was observed among the students regarding their realities and a greater understanding of the impacts of violence on social relations.

Keywords: violence; school; Theatre of the Oppresse

Recebido em: 07/03/2025

Aceito em: 05/06/2025

³⁶ Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo (USP).

Introdução

Historicamente a escola é considerada um “lugar sagrado” Girard (1972), a essa compreensão foram se apresentando outras definições na medida em que se identificam nessa instituição as mais diversas manifestações de violências presentes na sociedade contemporânea. A função social da escola é indispensável para o acesso ao direito à educação, trata-se também de um espaço de socialização em que se aprende a conviver e amplia-se os relacionamentos além da família. É nesse espaço onde adolescentes, jovens e adultos, professores e funcionários convivem, se relacionam e realizam o percurso de formação humana e cidadã que obrigatoriamente inicia-se aos seis anos de idade.

Nessa dimensão, a escola, além do seu compromisso com o aprendizado, é um espaço fundamental para a formação social para o desenvolvimento da cidadania dos estudantes devido a sua função educativa e comunitária. Por outro lado, “ela é também um ambiente onde se estabelecem relações sociais complexas e peculiares, influenciadas por fatores sociais, políticos, econômicos e tecnológicos. No entanto, essas relações nem sempre são harmoniosas” (BRASIL, 2023, p. 1).

A violência na escola é um problema social, multifatorial e não é um fenômeno recente, encontrada de diversas formas como: física, psicológica e moral, essas expressões de violência são expressas no cotidiano em incivildades, racismo, misoginia, machismo, LGBTQIA+fobia, etarismo, xenofobia e *bullying*³⁷.

Como contextualiza Charlot (2002), a violência na escola compreende todo o universo de atos de violência no ambiente escolar que se manifesta dentro da escola, mas por ser um fator multifatorial poderá ocorrer por motivos externos. Neste aspecto, é importante compreender por que a escola, enquanto um espaço institucional atualmente, é alvo de manifestações de violências.

³⁷ De acordo com a Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), sancionado pela Presidenta Dilma Rousseff, define *bullying* como intimidação sistemática, caracterizada como todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitiva que ocorre sem motivação evidente, praticada por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm. Acesso em 26 de nov. de 2024.

Um dos fatores que poderá ser considerado é a sua representatividade enquanto um espaço social e de agrupamento coletivo além disso, “a escola representa um importante lócus de atuação, por representar o local onde os adolescentes interagem mais fortemente com seus pares” (PUREZA; MARIN; LISBOA, 2016).

A partir dessas evidências, essa pesquisa tem como objetivo problematizar qual a percepção de adolescentes e jovens sobre violências na escola. Foi nesse percurso de reconhecimento e valorização da escola, enquanto um espaço social indispensável na prevenção de violências e favorável à construção de comunidades escolares amorosas (hooks, 2021)³⁸, que surgiu o propósito da pesquisa de pós-doutorado intitulada: *Juventude em cena: representações da violência no cotidiano escolar*³⁹, realizada junto ao Núcleo de Estudos da Violência, da Universidade de São Paulo, com duas escolas públicas parceiras do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE). Esse manuscrito reflete a experiência da Escola Estadual Profa. Amélia Kerr Nogueira, localizada no Jardim Ângela, periferia de São Paulo. Embora a pesquisa tenha sido realizada em duas escolas, optou-se por analisar os dados oriundos da experiência com Teatro do Oprimido individualmente, de modo a aprofundar as singularidades de cada contexto em que a pesquisa foi realizada.

Dessa maneira, o objetivo dessa pesquisa é contribuir para o urgente cenário de investigar práticas e horizontes metodológicos para prevenção e enfrentamento de situações de violência em escolas. Do ponto de vista metodológico foi adotado o método estético e teatral Teatro do Oprimido (1975), para sua instrumentalização.

Para isso, essa pesquisa de caráter qualitativo e descritivo aproximou vivências com técnicas do Teatro do Oprimido com quatro turmas de estudantes da 1ª série do Ensino Médio, totalizando noventa e dois participantes⁴⁰, com faixa etária de 15 a 16 anos, em sua maioria autodeclarados pardos e negros. Alguns estudantes declararam que migraram com

³⁸ De acordo com hooks (2021), uma sala de aula amorosa é um lugar onde os conflitos e tensões poderão ser resolvidos de forma construtiva. Na mesma perspectiva, na obra *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2020), hooks define o amor como carinho, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança. Para a autora, quando esses princípios básicos constituem a base da interação entre docentes e estudantes em qualquer espaço educativo, criam-se melhores condições de aprendizado.

³⁹ Esta pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo: 2022/15098-5.

⁴⁰ Esta pesquisa possui Certificado de Apresentação Ética (CAAE) 69.009123.7.0000.0138, de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

suas famílias para São Paulo, procedentes dos estados Bahia (BA), Alagoas (AL), Minas Gerais (MG) e Paraíba (PB).

A coleta de dados foi realizada no segundo semestre de 2023, por meio de oficinas semanais de Teatro do Oprimido, e para o aprimoramento qualitativo da pesquisa foi aplicado com os estudantes um questionário (GIL, 2008), com o objetivo de ampliar o espaço de diálogo, com questões direcionadas às experiências de violências na escola. O instrumento foi organizado em vinte e três questões, divididas em quatro categorias: informações sobre o perfil do participante, experiências com violência na comunidade, identificação das violências recorrentes na escola e o levantamento de alternativas para prevenção a partir de proposições dos estudantes. Esse material foi acrescido com registros em caderno de campo e fotografias que registraram as oficinas de T.O na escola, e permitiu análises sobre as representações dos participantes.

A comunidade na qual a escola está inserida é composta por bairros com população diversificada e enfrenta vulnerabilidades que combinam diversos fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e educacionais. De acordo com Lahr (2022), esses fatores se manifestam de várias formas: pobreza extrema, falta de oportunidade, isolamento social e exposição à situação de risco. Desse modo, a combinação dessas vulnerabilidades causa impactos negativos na vida das pessoas e acentua as desigualdades sociais. Na cidade de São Paulo, observa-se em sua expansão territorial que uma população cada vez maior no Jardim Ângela, comunidade na qual a escola está inserida, expressivamente convive com essas desigualdades em detrimento de outras regiões da cidade.

De modo a colaborar com o enfrentamento de violências que encontram expressão na escola. Do ponto de vista metodológico, essa pesquisa estabelece interseções com o Teatro do Oprimido, um método estético e teatral de caráter pedagógico, cultural e político criado e difundido pelo artista, militante, dramaturgo e diretor teatral, Augusto Pinto Boal. Em sua proposta artística-educativa e política, Boal investigou e criou um método para apreensão de um fazer teatral reflexivo e dialógico com todos(as) que vivenciam opressões, e sistematizou suas experiências em diversos contextos e espaços sociais, o método sugere um sistema que realiza intervenções para transformar a realidade, inspirado na crença de que todos podemos nos expressar por meio do teatro e que o potencial humanizador da linguagem teatral poderá ser um instrumento de transformação.

O método estético⁴¹ e teatral, conhecido mundialmente como Teatro do Oprimido, é composto por um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagem e improvisações especiais. Sua abordagem torna a “atividade teatral um instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais” (BOAL, 2002, p. 28-29). O método foi aplicado e difundido em experiências teatrais em diversos países como Peru, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Portugal, França.

Na América Latina, Boal aprofundou o trabalho com as técnicas *Teatro Jornal*, *Teatro Imagem*, *Teatro Invisível* e *Teatro Fórum*, e na Europa a técnica *Arco Íris do Desejo*. No Brasil, durante sua atuação política como vereador no Rio de Janeiro, com o objetivo de investigar demandas sociais, criou a técnica *Teatro Legislativo* e encaminhou ao legislativo diversos projetos de lei. Como teatrólogo, Boal também criou e experimentou um arsenal de jogos e exercícios teatrais, sendo um trabalho essencial e introdutório para as demais técnicas.

Diante do exposto, esta pesquisa apresenta uma relevância artística, social e educativa e sua aplicação em contextos escolares colabora com o fomento de iniciativas que buscam estratégias metodológicas para prevenção de violências em escolas, utilizando a linguagem teatral como facilitadora do diálogo e da expressão de sentimentos e emoções dos estudantes.

Dessa forma, esse manuscrito compreende as seguintes etapas: inicialmente, a apresentação do Teatro do Oprimido, enquanto um método teatral e estético e seu potencial de intervenção em contextos educacionais, com foco na prevenção de situações de violência na escola, a partir de uma revisão sistemática de pesquisas com esse escopo. Em um segundo momento, compartilho a experiência das oficinas de Teatro do Oprimido, com estudantes colaboradores da pesquisa, e como as técnicas Teatro Imagem e Teatro Fórum contribuíram para revelar as experiências relacionadas à violência na escola não verbalizadas em outros espaços.

Por fim, proponho interlocuções com as temáticas produzidas nas cenas de Teatro Fórum e os resultados da análise dos questionários que suscitam um diagnóstico da comunidade escolar, no que se refere às experiências com violências dentro e fora da

⁴¹ O Teatro do Oprimido também é considerado um método estético que em sua essência propõe que os praticantes possam perceber o mundo a partir de suas realidades por meio de todas as linguagens artísticas. Na obra *Estética do Oprimido* (2009) Boal explica que os canais mais potentes de comunicação estética estão na palavra (todos devem escrever poemas e narrativas); no som (invenção de novos instrumentos e novos sons); na imagem (pintura, escultura e fotografia).

escola, e delineiam perspectivas de intervenção educativa visando a prevenção de violências.

1. Revisão sistemática: Teatro do Oprimido como horizonte metodológico para prevenção de situações de violência na escola

Durante o processo de pesquisa, busquei mapear, por meio de uma revisão sistemática, trabalhos que se dedicaram a investigar o mesmo objeto de estudo, o Teatro do Oprimido, como horizonte metodológico para prevenção de violências na escola. Neste método, de acordo com Rother (2007), utilizam-se publicações científicas em meios eletrônicos, com o objetivo de auxiliar na construção de um novo estudo. Considerou-se, na seleção dos trabalhos analisados, a aplicação do Teatro do Oprimido como instrumento para intervenção em escolas (educação formal). Nos trabalhos analisados, busquei identificar como os autores colaboraram para enfatizar o potencial educativo do método como um aliado da escola para o enfrentamento das violências. A partir disso, evidenciei os resultados e impactos que as experiências com Teatro do Oprimido promovem no contexto escolar. Essa revisão também permitiu observar as singularidades das experiências com TO em escolas em diferentes estados brasileiros.

Cavalcante e Pugliesi (2020) realizaram um estudo das bases teóricas do método Teatro do Oprimido, em diálogo com autores como Freire (1979) e Morin (2011), mostrando nessa articulação como possuem contribuições no âmbito artístico e pedagógico para a construção de práticas que visam à prevenção de violências na escola. De acordo com os autores, as técnicas do Teatro do Oprimido vislumbram possibilidades de diminuição de situações de violência na escola, contribuindo para a construção de uma cultura de paz, na medida em que proporciona aos praticantes a possibilidade de questionar sua própria realidade, partindo da mesma para a confecção de cenas. A técnica Teatro Fórum, elucidada no trabalho de acordo com os autores, apresenta uma dimensão reflexiva extremamente educativa, colocando os estudantes para analisar e refletir criticamente sobre os fenômenos apresentados que revelam suas experiências pessoais com violência e, a partir disso, possibilita construir uma visão coletiva do que é ou não é uma violência, e assim construir alternativas para o seu enfrentamento. O artigo ressalta

que a dimensão educativa de se colocar no lugar do outro é um exercício importante para o reconhecimento das violências.

Na mesma direção, Silva e Gomes da Silva (2020), na pesquisa *A educação como prática da liberdade por meio do Teatro do Oprimido: novas aplicações educacionais*, fortaleceu no estudo proposto o Teatro do Oprimido como instrumento para promover nos estudantes a compreensão de violências, dentro e fora da escola. A coleta de dados foi realizada com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e professoras, em duas escolas públicas na cidade de Nazaré da Mata, Pernambuco. Implicou-se nesta pesquisa promover novas práticas escolares construídas por meio de oficinas de Teatro do Oprimido. Ressalta-se no trabalho que essa experiência criou nas escolas participantes um espaço profundo e pertinente destinado a compreender a violência escolar como uma forma de opressão. Considerou-se o método Teatro do Oprimido uma prática educativa, problematizadora, na medida em que propõe intervenções sobre si e sobre o outro, oportunizando diálogos sobre suas vivências relacionadas a violências. De acordo com os autores, torna-se possível na intervenção, com as técnicas do Teatro do Oprimido, problematizar e construir junto aos estudantes e professores a oposição à prática de manifestações de violência na escola. A pesquisa apresentou como resultado a potência do ambiente escolar para a instrumentalização do TO. De acordo com os autores, “a escola é um espaço de manifestação de conflitos vindos de fora, mas que, precedente a isso, é um território de conhecimento de partilhas, de construção de identidades e sobretudo de humanização, libertação e emancipação” (SILVA E GOMES DA SILVA, 2020, p. 1433).

Em outra perspectiva, Alencastro, Oliveira e Silva (2019), no trabalho intitulado *O Teatro do Oprimido no enfrentamento do bullying: uma experiência com adolescentes escolares*, compartilha a experiência de implementação de uma proposta intersetorial (saúde e educação), que adotou o método Teatro do Oprimido, para auxiliar no enfrentamento do *bullying* em uma escola pública, localizada em Cuiabá, Mato Grosso. A pesquisa envolveu cento e trinta e seis estudantes da 1ª série do Ensino Médio.

O estudo demonstrou o TO enquanto método teatral capaz de suscitar debates e discussões, com questões que representam os participantes coletivamente, e incentiva o protagonismo. No âmbito da inovação, a pesquisa destaca uma articulação intersetorial e

apresenta a área da saúde⁴² como uma política pública capaz de contribuir com a prevenção de situações de violência na escola, a partir da oferta de cuidados relacionados à saúde mental de adolescentes e jovens.

Fernandes (2019), na pesquisa *Teatro Social dos Afetos (TSA)*, desenvolveu uma metodologia com base nas técnicas do Teatro do Oprimido. De acordo com a autora, a técnica teatral TSA é uma mediadora de processos grupais com foco na promoção de transformações sociais em escolas. A técnica desenvolvida durante a pesquisa destaca o afeto como conceito ético e político. O *lôcus* da pesquisa teve como base o “*Projeto Teatro do Oprimido como fomentação de grêmios escolares*”.⁴³ Esta iniciativa surgiu com o propósito de enfrentar o alto índice de violência nas escolas paulistanas entre os estudantes, assim como entre os estudantes e os professores. A iniciativa da prefeitura municipal de São Paulo contemplou vinte e três escolas municipais com foco em estudantes do Ensino Fundamental I e II e quarenta e cinco professores.

Durante o projeto, múltiplas ações foram desenvolvidas nas escolas participantes como a formação de professores, oficinas com estudantes e montagem e compartilhamento de peças teatrais, essas experiências artísticas e educativas tiveram como objetivo mobilizar, nas comunidades escolares parceiras do projeto, a participação social e política. De acordo com a autora, o trabalho com o TO nas escolas se configurou como um instrumento de mediação do debate de questões silenciadas no cotidiano escolar e potencializou a criação de novos espaços dentro da escola para a criação de vínculos com os estudantes. A pesquisa constatou que os participantes “sentiram-se acolhidos nos grupos de teatro, instituindo-o como um espaço onde podiam criar vínculos, sentiram-se importantes pertencentes a um coletivo, ao mesmo tempo que podiam refletir sobre suas vidas e emoções” (FERNANDES, 2019, p. 26).

Neste aspecto, o espaço de partilha de experiências e emoções permite com que os participantes compreendam as relações de poder e opressão presentes em atos violentos, convidando os participantes a identificar quais os afetos que motivam tais

⁴² Nesse contexto, é importante lembrar que a escola não é o espaço adequado para diagnosticar ou oferecer tratamento para questões relacionadas à saúde mental, embora possa atuar em conjunto encaminhando os casos para atendimento psicossocial e Rede de Proteção socioassistencial.

⁴³ O grêmio escolar é considerado um espaço dentro das escolas de construção de uma gestão democrática, sendo conduzido de maneira que os estudantes exerçam sua cidadania e agenciamento de forma crítica e reflexiva.

comportamentos. Na perspectiva da autora, o método oportuniza “ações de superação da violência colocando o conflito em foco no lugar de encobri-lo” (FERNANDES, 2019, p. 28).

Os artigos analisados na revisão sistemática mostram diversos estados brasileiros, como São Paulo, Pernambuco e Mato Grosso, interessados em fomentar iniciativas em escolas para o enfrentamento e prevenção de situações de violência, destacando este como um dos principais desafios das escolas brasileiras, criar um ambiente seguro para que a escola cumpra o seu papel não só acadêmico, mas também de formação humana.

Os trabalhos publicados em 2019 e 2020 mostram a necessidade da difusão de iniciativas e estratégias metodológicas aplicadas a contextos escolares, visto que outras dimensões de violências, enquanto um fenômeno multifatorial, têm surgido e colocado desafios para o seu enfrentamento. O estudo realizado por Vinha *et al.* (2023) destaca que houve um crescimento significativo de ataques de violência extrema⁴⁴ a escolas paulistanas, sendo o estado de São Paulo o que mais teve episódios desse fenômeno. O estudo revela uma incidência dessas manifestações de violência que tiveram como alvo estudantes do Ensino Médio e anos finais do Ensino Fundamental.

Nesse contexto, o potencial do Teatro do Oprimido, enquanto método interventivo, foi vislumbrado nas pesquisas pela capacidade de mobilizar os participantes a compreender seu contexto social, buscando a transformação de realidades impostas por meio da democratização do fazer artístico. Além disso, foi identificada a colaboração de profissionais de diferentes áreas do conhecimento, como Enfermagem, Psicologia Social, Educação e Teatro, mobilizando por meio da intervenção perspectivas metodológicas para o enfrentamento das violências nas escolas, tendo como base o método Teatro do Oprimido.

A partir das evidências apresentadas dos impactos da prática do Teatro do Oprimido na escola, enfatizaram-se outras perspectivas para o enfrentamento e prevenção das violências na escola. Nesse aspecto é importante valorizar e legitimar a função social da

⁴⁴ Cabe destacar que os ataques de violência extrema a escolas apresentaram crescimento significativo no estado de São Paulo, especificamente em 2022 e 2023. Os ataques a escolas trata-se de um fenômeno de violência com características específicas. Para saber mais sobre os ataques que ocorreram em escolas a no Brasil e no exterior recomendo a apreciação do “*Relatório de Política Educacional Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos*” (VINHA *et al.*, 2023) explica que os ataques são considerados atos violentos intencionais, ocorridos no espaço escolar que se caracterizam como crimes de ódio motivados por extremismo, em sua maioria são planejados pelos autores com emprego de determinados tipos de armas com a intenção de causar morte de uma ou mais pessoa.

escola que, apesar de produzir violências de diversas formas, “não pode ser o local de legitimação da marginalidade, mas de sua superação” (RODRIGUES, 2003, p. 55).

Cabe também destacar o potencial da linguagem teatral e sua capacidade humanizadora de oportunizar espaços de expressão, de sentimentos e emoções, dimensões necessárias para a mediação das relações sociais estabelecidas dentro e fora da escola. De acordo com Boal (2013, p. 13), “o teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente. Por isso, é necessário lutar por ele”.

1.1 As oficinas de Teatro do Oprimido no Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE)

Os jogos são diálogos que exigem um interlocutor, são extroversões.
(BOAL, 2009, p. 87)

Essa pesquisa foi desenvolvida em parceria com o Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE)⁴⁵, que é um projeto educativo e de caráter extensionista, que ocorre desde 2017, em escolas públicas em São Paulo, e fomenta a criação de Observatórios de Direitos Humanos, os quais são compreendidos como “espaços colaborativos de monitoramento, controle e implementação de direitos humanos, que têm como base o olhar e a reflexão dos próprios participantes” (RUOTTI *et al.*, 2023, p. 18). Como desenho metodológico, o PODHE propõe três eixos de trabalho: *sensibilização; vivência e formação; monitoramento e transformação* (RUOTTI; BLOTTA, 2023, p. 21).

O eixo *sensibilização*, voltado para sensibilizar os participantes para a temática geral dos direitos humanos, é facilitado por linguagens artísticas e metodologias dialógicas e participativas. No eixo *vivência e formação*, prioriza-se o desenvolvimento de propostas com vistas a favorecer a melhoria das relações interpessoais na escola. Por fim, o eixo *monitoramento e transformação*, dedicado a auxiliar os participantes a melhor entenderem seus contextos e se engajarem coletivamente na proposição e implementação de ações de transformação, a fim de superarem as violações de direitos identificadas.

⁴⁵ O Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE) integra o projeto do Núcleo de Estudos da Violência, da Universidade de São Paulo, “Construindo a democracia no dia a dia: direitos humanos, violência e confiança institucional”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), dentro da linha de Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID).

Na primeira etapa da coleta de dados, no eixo *sensibilização*, priorizamos o trabalho com os jogos e exercícios teatrais. Boal (1975), em sua abordagem como artista-educador, compartilhava a crença de que todos têm a capacidade de se expressar por meio do Teatro. O método possui aplicabilidade em diversos contextos no trabalho com atores profissionais e amadores, professores, terapeutas, no trabalho político, pedagógico e social.

De acordo com Boal (1975), os jogos ajudam na “desmecanização do corpo e da mente alienada às tarefas repetitivas do dia a dia, especialmente às do trabalho e às condições econômicas, ambientais e sociais de quem os pratica” (BOAL, 1975, p. 16). Desse modo, os jogos e exercícios são divididos em quatro categorias: *1ª Etapa: conhecimento do corpo; 2ª Etapa: tornar o corpo expressivo; 3ª Etapa: o teatro como linguagem; 4ª Etapa: teatro como discurso*”. De acordo com Boal, o trabalho com as categorias propõe:

[...] diminuir a distância entre sentir e tocar. Na segunda categoria, entre escutar e ouvir. A terceira tentamos desenvolver os vários sentidos ao mesmo tempo, na quarta, tentamos tudo aquilo que olhamos. Finalmente, os sentidos têm também memória e nós vamos trabalhar para despertá-la. (BOAL, 2008, p. 89)

Nessa etapa de *sensibilização*, os jogos e exercícios teatrais, que compõem o arsenal do Teatro do Oprimido, foram um importante instrumento de integração dos estudantes e fortalecimento do grupo para o trabalho com as técnicas Teatro Imagem, Teatro Fórum, ampliando sua capacidade de expressão. As vivências com os jogos fortalecem as possibilidades de interações e do trabalho coletivo com regras e desafios. Na perspectiva de Boal (2013, p. 16), “os jogos reúnem características essenciais da vida em sociedade e possuem regras como a sociedade possui leis”.

Esse trabalho de integração das turmas foi essencial para o trabalho desenvolvido, foi observado no decorrer das oficinas que as turmas apresentavam subgrupos definidos e separados por gênero e afinidades, esses limites das relações demarcados pelos participantes apresentavam uma série de desafios para o trabalho coletivo, considerando que a relação entre pares apresentava conflitos e aparentemente a comunicação não era empática e efetiva entre os estudantes, era visível no cotidiano a prática da agressão verbal.

De acordo com Abramovay (2021), as agressões verbais, especialmente os xingamentos, são consideradas micro violências perceptíveis em comportamentos como desrespeito, ofensas, modos grosseiros de se expressar em discussões. Para a autora essas agressões ocorrem muitas vezes por motivos banais ou ligados ao cotidiano da escola. No cotidiano, as micro violências ou incivildades poderão causar sentimentos de tristeza, apatia e impotência. Nessa perspectiva, Debarbieux (2002) explica que a repetição ou a recorrência desses comportamentos provoca uma sensação de abandono nas vítimas e, por outro lado, nos perpetradores, o sentimento de impunidade.

Nesse aspecto, a vivência com os jogos teatrais possui uma dimensão educativa oportunizada por diversas formas de interação e socialização, pois “os exercícios e jogos não devem ser feitos dentro do espírito de competição, devemos tentar ser sempre melhores do que nós mesmos e nunca melhores que os outros” (BOAL, 1975, p. 1). Na medida em que as turmas se organizavam coletivamente para resolver os desafios propostos nos jogos, abria-se um espaço de fortalecimento das relações vigentes a partir do reconhecimento de habilidades, união, parceria, aspectos que apresentavam fragilidades no início do processo.

2. Eixo Vivência e Formação – Vivências com a Técnica Teatro Imagem

Na segunda etapa da pesquisa, no eixo *vivência e formação*, foram proporcionadas aos estudantes experiências com a técnica Teatro Imagem, objetivando mapear, junto aos participantes, as violências que perpassam seus cotidianos, entre eles a escola. De acordo com Boal (1975, p. 17), “no Teatro Imagem, dispensamos o uso da palavra a qual, no entanto, reverenciamos! Para que possamos desenvolver outras formas perceptivas”.

O trabalho realizado por Boal com essa técnica teve início em 1973, a partir de experiências com teatro popular no Peru, no Programa de Alfabetização (Alfin).esse projeto, o objetivo era alfabetizar na língua materna e em castelhano uma população adulta, indígena, que falava idiomas e dialetos distintos. A perspectiva de alfabetização não era só de letramento, mas também nas linguagens artísticas como Teatro, Fotografia e Cinema. Na percepção de Boal (1975), o teatro é uma linguagem apta para ser utilizada por qualquer pessoa, que tenha ou não habilidades artísticas. Nessa perspectiva, o teatro com foco na alfabetização era um instrumento metodológico para estimular a expressão

por meio da linguagem teatral, a partir disso, abria-se um universo de possibilidades para se expressar de diferentes formas e assim descobrir novos conteúdos. Com essa especificidade da ausência de um idioma comum para o trabalho teatral, criava-se um desafio para o grupo: a impossibilidade da comunicação verbal. Nesse contexto, surge o Teatro Imagem baseado na linguagem não verbal.

Nessa técnica teatral, questões, problemas, sentimentos são apresentados em imagens concretas, individuais e coletivas. A partir da leitura da linguagem corporal, busca-se a compreensão dos fatos representados. Imagem que é real enquanto imagem, ou seja: uma realidade existente, concreta e, ao mesmo tempo, a representação de uma realidade vivenciada. (SANTOS, 2016, p. 78)

Por meio da criação de imagens, buscamos revelar as violências experienciadas pelos estudantes, desse modo, a comunicação não verbal das experiências permitiu durante a pesquisa que pudéssemos identificar as violências presentes no cotidiano da escola por meio das vivências pessoais dos participantes. As cenas representadas nas oficinas de Teatro Imagem com os estudantes inicialmente apareciam tímidas. No entanto, durante o processo, foi perceptível que os estudantes desconfiavam se aquele era um espaço seguro para compartilhar suas vivências relacionadas a violências.

O exercício teatral de criar imagens e analisá-las impulsiona os participantes a identificar e discutir as problemáticas sociais que os cercam, dessa forma, às violências presentes na comunidade também somaram o diálogo. As oficinas de Teatro do Oprimido, na escola, tornaram-se um espaço de acolhimento para falar sobre as violências que no cotidiano poderão ser invisibilizadas pela ausência de espaços de diálogo com esse enfoque.

Contudo, fortalecer esse espaço na escola promove novas práticas que evidenciam o diálogo enquanto um instrumento indispensável para a resolução de conflitos. De acordo com Santos (2016), escutar é uma opção consciente. Nessa perspectiva, por meio do diálogo, “além de encontrar o meio adequado de se expressar o entendimento próprio da realidade, é preciso também ser capaz de escutar e buscar compreender a posição alheia em relação a essa mesma realidade” (SANTOS, 2016, p. 260). Assim, por meio das imagens produzidas, é possível ampliar leituras do mundo, a partir das visões colocadas pelos estudantes do fenômeno apresentado. A partir disso, o grupo poderá construir visões

coletivas sobre as violências e suas esferas, oportunizando a conscientização e mudanças de comportamento a partir das perspectivas apresentadas.

Nesse aspecto, a Educação Libertadora de Paulo Freire e do Teatro do Oprimido de Augusto Boal apresentam similaridades. De acordo com Canda (2012), ambas as propostas têm como perspectiva a superação da relação opressores-oprimidos por meio do processo de conscientização, baseado na visão reflexiva e na ação crítica da realidade social. As duas abordagens se ancoram na constituição de formas de diálogos democráticos, do incentivo a refletir sobre sua própria realidade. Nesta perspectiva, Freire e Boal, em suas trajetórias com educação e cultura, acreditavam que “o exercício permanente de ação-reflexão-ação é indissociável do processo de libertação social” (CANDA, 2012, p. 197).

2.1 Violência na comunidade escolar E. E. Profa. Amélia Kerr Nogueira, na perspectiva dos estudantes

A violência sempre esteve presente em nossa sociedade, trata-se de um fenômeno com expressões sociais, políticas econômicas e culturais, é também o resultado da complexa interação de fatores individuais e relacionamentos, comunitários e sociais, conforme explica (KRUG *et al.*, 2002, p. 13). Nessa pesquisa, optamos por utilizar “violências” na escola, no plural, para mostrar que apresenta diversos significados, tipos, e poderão nas relações sociais se inter-relacionar. Nessa direção, Brasil (2023) explica, nas interações sociais, que as classificações podem se misturar, ou seja, as violências se entrelaçam podendo apresentar diferentes intenções, significados, de acordo com o processo social.

De acordo com Charlot (2002, p. 24), “a violência é o nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação, etc., em que um ser humano é tratado como um objeto, isto é, em que são negados seus direitos à dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível”. Durante a pesquisa, busquei compreender com os estudantes como definem e compreendem as violências em seus cotidianos, inicialmente na perspectiva da experiência escolar. Construir essas definições e significados junto aos estudantes colaboradores da pesquisa foi de extrema relevância para compreender as percepções dos estudantes sobre violências e como elas ocorrem na escola.

Foi identificado nas oficinas que os estudantes apresentam dificuldades em perceber como muitas violências no convívio social estão inter-relacionadas. Esse exercício de definir as violências se deu a partir da reflexão e análise das cenas apresentadas na técnica Teatro Imagem e Teatro Fórum. distância estética oportunizada pela linguagem teatral amplia as diferentes camadas que constituem cada situação apresentada.

De acordo com as percepções coletadas com os estudantes, sobre a definição do fenômeno social violência, foi possível identificar as seguintes percepções: “*é um ato de repressão, oprimir*”, ou “*quando uma pessoa tenta diminuir ou agredir outras pessoas*”. De modo geral, foi identificado no questionário aplicado à consciência dos estudantes dos diversos tipos de violência presentes na escola e seu entorno, nota-se também que os respondentes destacaram em suas reflexões os impactos das situações de violência em sofrimentos psicossociais. Como apontado no relato, a “*violência é uma forma de diminuir alguém, chatear e muitas vezes agredi-la*”.

Dos noventa e dois estudantes que responderam ao questionário⁴⁶, 78% relataram que já sofreram algum tipo de violência na escola, ou seja, aproximadamente setenta e um confirmam experiências de violências na escola. Na identificação das violências mais próximas da comunidade escolar, foi identificada pelos participantes a predominância das agressões físicas e brigas iniciadas por agressões verbais e xingamentos. Por estabelecer intersecções com diversos tipos de violência, o *bullying*, enquanto uma violência escolar reconhecida mundialmente, também foi mencionado no questionário pelos estudantes.

O *bullying*, reconhecido mundialmente como violência na escola, compreende atos de intimidação, humilhação ou discriminação, e ainda: ataques físicos; insultos pessoais; comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; ameaças por quaisquer meios; grafites depreciativos; expressões preconceituosas. O impacto dessas manifestações de violência promove conflitos e interferem nas relações interpessoais existentes na escola, sobretudo no clima e na convivência escolar. Transformando um espaço de socialização em um espaço hostil. Desse fenômeno é importante destacar que o *bullying* se caracteriza pelo comportamento agressivo, repetitivo, e por relações interpessoais de dominação.

⁴⁶ As oficinas de Teatro do Oprimido, que compuseram a coleta de dados dessa pesquisa, foram realizadas durante um semestre letivo, com quatro turmas de estudantes da 1ª série do Ensino Médio, totalizando 92 participantes.

De acordo com Fontaine e Reveillere (2004), o *bullying* extrapola os limites das agressões físicas e verbais, e poderá ser identificado em ocorrências de fofocas, propagação de rumores, especialmente de caráter sexista, racista e homofóbico. Tais comportamentos têm como principal objetivo promover a exclusão social e a integração da vítima em um grupo de pares. De modo secundário, os participantes relataram outras formas de violência de raça (racismo) e gênero (transfobia, homofobia e violência doméstica). Abramovay (2021) explica que, no ambiente escolar, crianças e adolescentes cuja expressão de gênero não correspondem às normas consideradas tradicionais são mais propensas a sofrerem violência escolar e *bullying*.

Por outro lado, o racismo⁴⁷, principalmente a ofensa racial, por muitas vezes naturalizada na escola, por meio de agressões verbais, “cria uma percepção de si mesmo, muitas vezes negativas com profundos impactos nas opiniões que os jovens têm sobre si mesmos” (ABRAMOVAY, 2021, p. 11). A naturalização de xingamentos de cunho racista ou de preconceito religioso é uma das principais dificuldades para o enfrentamento dessas violências, na escola.

De acordo com o Mapa da Desigualdade 2023, o território no qual a escola está inserida, na região do Jardim Ângela, ocupa a primeira posição em população autodeclarada parda e negra, na cidade de São Paulo. Entretanto, dos noventa e dois distritos de São Paulo, ela ocupa a sexta posição em denúncias relacionadas com violência racial. Nesse aspecto, a escola poderá exercer um papel fundamental sobre a compreensão da construção histórica e cultural dessas violências em nossa sociedade, a partir da realidade do território. As cenas construídas nas oficinas de Teatro do Oprimido contemplaram temas como abordagem policial e discriminação racial.

Nesta pesquisa, não foi possível aprofundar-se em cada tema elencado pelos participantes, pois apresentam muitas camadas que necessitam de um tempo maior de aprofundamento. Contudo, a experiência com TO na escola auxilia no levantamento dos temas e violências que apresentam desafios nas relações interpessoais dos participantes.

⁴⁷ O racismo é crime, condenado no código penal artigo 2º, da Lei nº 9.459, de 1997. Serão punidos nesta lei os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm#:~:text=Pena%3A%20reclus%C3%A3o%20de%20dois%20a,a%20cinco%20anos%20e%20multa. Acesso em: 02 de dez. 2024.

Dessa forma, professores, gestores, orientadores educacionais, poderão encaminhar intervenções e propostas educativas que possam colaborar com os temas de interesse e necessidades formativas das turmas.

De acordo com dados apresentados nos questionários, os estudantes percebem que no cotidiano escolar as violências *“ocorrem todos os tipos possíveis, mas a mais presente é a verbal”*. Dessa forma, optamos por aprofundar essa discussão na agressão verbal como violência recorrente enfatizada pelos estudantes.

[...] caracteriza-se essa violência como uma atitude oral ou escrita agressiva, bem como a utilização de palavras danosas, que tem a intenção de ridicularizar, manipular, silenciar, ameaçar etc. Esta prática pode estar velada sob a perspectiva de brincadeiras que deixam os sujeitos sem graça, envergonhados e, muitas vezes, sem condição de defesa. (MORITO; SILVA; MOURA, 2019, p. 141)

Segundo Dubet (1994), as mudanças sociais e culturais criam conflitos que podem ser solucionados por meio do diálogo, no entanto, a dificuldade de interlocução entre os estudantes em espaços escolares poderá resultar em experiências de violência física, verbais, psicológicas e/ou simbólicas. Por meio de vivências com as técnicas do Teatro do Oprimido, foi possível compreender as estruturas das violências e identificá-las. Nesse aspecto, os estudantes percebem que, na qualidade das relações que se estabelecem no dia a dia na escola, muitas violências são banalizadas. O espaço de diálogo promovido nos questionários, assim como nos fóruns, também se dedicou a compreender como os conflitos são mediados e resolvidos, estimulando os estudantes a proporem alternativas para o enfrentamento de situações de violência na escola, convidando-os a serem ativos nesse processo.

Neste aspecto, a dimensão do conflito foi abordada estabelecendo as seguintes reflexões com o coletivo: como os conflitos e situações de violência poderão se tornar oportunidades de aprendizagem e reflexões para promoção de mudanças sociais? Como no cotidiano escolar podemos nos relacionar com as violências de maneira construtiva?

A partir desse espaço, o diálogo oportunizado pelas oficinas de TO e a aplicação do questionário, mobilizamos reflexões sobre as experiências compartilhadas pelos participantes relacionadas a violência na escola. Desse modo, os estudantes foram impulsionados a se colocarem de maneira participativa e respeitosa como ouvintes das

situações. O hábito de ouvir, acolher e dialogar é um aprendizado que se estende para as relações sociais extra muro da escola. As vivências com as técnicas culminam em debates e proposições de alternativas para a superação das violências.

As alternativas apresentadas pelos estudantes, de acordo com a realidade da escola Profa. Amélia Kerr, apontaram dois caminhos: o reforço da segurança na escola *“quando tem briga na saída eles chamam a polícia, já quando estão se ofendendo com palavras são levados para a diretoria”*. O segundo caminho proposto a convocação dos familiares na unidade escolar e a sugestão do uso de medidas punitivas, como a suspensão, foram consideradas pelos estudantes como abordagens eficazes para a resolução de situações de violência na escola.

Em consequência das agressões verbais, os estudantes destacaram as brigas como uma violência presente em seus cotidianos, neste aspecto é importante compreender que brigar é uma expressão social, na qual se tem a difusão de comportamentos agressivos que indicam coragem, e poder, e reproduzem uma cultura de violências. Além disso, a presença de outros interlocutores, com a função de aplaudir e incitar essa agressão, fortalecem historicamente a briga enquanto um comportamento eficaz para resolução de conflitos. Refletir sobre essa manifestação de violência e suas motivações auxilia também na desconstrução de uma cultura de violência.

De acordo com os noventa e dois respondentes, 29,5% ou seja vinte e sete participantes afirmaram que se envolveram em brigas na escola. Apesar disso, 12%, cerca de onze estudantes, argumentaram que se envolveram em brigas para defender os colegas de agressões verbais. Em sua maioria, os estudantes afirmam que as brigas são motivadas por agressões verbais proferidas em diversos espaços da escola.

Na análise dos dados, também houve percepções de sentimentos de ausência de acolhimento dos conflitos vivenciados e sentimento de injustiça frente ao encaminhamento das queixas e experiências de violência vivenciadas, visto que para as resoluções de conflitos os estudantes disseram: *“resolvemos com conversa e outros com porrada, pois a escola não resolve”*.

Nesse aspecto, a experiência do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE), projeto no qual essa pesquisa está vinculada, é uma iniciativa que colabora e apoia a escola para conscientização e prevenção de todos os tipos de violências na escola.

2.2 Vivências com Teatro Fórum, o teatro do diálogo

A partir do diálogo sobre as experiências relacionadas à violência dos estudantes, iniciamos a última etapa da pesquisa, o eixo *monitoramento e transformação*. Nesse momento foi realizado com os participantes uma imersão na Técnica Teatro Fórum. A técnica Teatro Fórum foi experimentada amplamente por Boal na América Latina em regiões marcadas pela desigualdade social, em que opressões e violações de direitos básicos eram visíveis. De acordo com Santos (2016, p. 210), o “teatro fórum é a teatralização de um conflito real e expressão de uma opressão apresentada em forma de pergunta para plateia, que é convidada a investigar coletivamente as possíveis respostas para a questão encenada”.

A história representada no teatro fórum trata-se de uma experiência pessoal de algum integrante. Dessa maneira, é indispensável que o tema seja relevante para um conjunto expressivo do grupo. As turmas participantes da pesquisa foram divididas em grupos de cinco integrantes de modo que as histórias pudessem ser acolhidas oportunizando o relato de cada estudante. A partir disso, o grupo escolheu uma história que os representassem enquanto coletivo. Nesse momento da vivência com o método a história deixa de ser individual e passa a ser coletiva.

No exercício cênico, a distância do espaço estético permite que os espectadores tenham perspectivas diferentes da situação. Diante disso, o fórum convida a plateia a experimentar posições diferentes dos habituais e estimula o desejo de transformar a realidade permitindo o diálogo entre os participantes.

As sessões de fórum devem criar estruturas de poder, desorganizar verticalidades hierárquicas e implantar, através do diálogo, a horizontalidade democrática, mesmo que temporária. Colocar atores sociais em circunstâncias inesperadas que permitam o exercício livre da expressão e provoquem diálogos inusitados que só mesmo o teatro pode proporcionar. (SANTOS, 2016, p. 280)

Essa etapa do processo apresenta uma dimensão educativa imensurável. Santos (2016), explica os professores reais uma vez substituídos na cena poderão refletir sobre seus comportamentos e mudar de opinião. Da mesma forma, os oprimidos poderão confrontar as opressões na defesa de seus direitos e desejos. Os temas sugeridos pelo

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 16 n. 2, jul-dez 2025

grupo ampliam as possibilidades de diálogo e incentivam o posicionamento. No Teatro do Oprimido nem sempre os participantes chegam a uma solução para os conflitos apresentados e isso também é um aprendizado.

Durante a pesquisa, assumi, com as turmas participantes da pesquisa, a função do curinga, trata-se de uma figura que poderá mediar os conflitos apresentados e “criar condições para que estes sejam explicitados, a fim de que o público possa ir além das aparências superficiais do problema, que busque entender suas causas e motivações e investigue as possibilidades de transformação” (SANTOS, 2016, p. 277). A mediação é essencial nesse processo, pois é provocativa e oferece acolhimentos aos participantes.

3. Alternativas para prevenção de situações de violência na escola na perspectiva dos estudantes

A Escola Estadual Professora Amélia Kerr Nogueira, localizada no bairro Horizonte Azul, foi fundada em 1975, compreendendo a única na região que oferece Ensino Médio. Nesta pesquisa, trabalhamos as violências por meio do Teatro do Oprimido, esse exercício teatral, social e político oportunizado pelo método permitiu que os adolescentes, durante o processo, adquirirem uma postura crítica sobre suas realidades e sobre as violações a que estão submetidos e sobre a desigualdade social presente em seus territórios. Tal percepção pode ser vista na análise dos questionários em que os estudantes identificam e ampliam reflexões sobre a violação de direitos básicos na comunidade em que residem, reivindicando direitos como: *“energia estabilizada, saneamento e mais escolas”* e *“melhora no transporte público”*.

O bairro Horizonte Azul compõe a região do distrito Jardim Ângela, é uma região distante da área central do município de São Paulo, mais de 30 km. De acordo com Blotta e Ruotti (2019, p. 27), “esta distância, agregada à limitação de transporte público (especialmente sobre trilhos), é um dificultador na mobilidade da população local”. Dessa forma, essa distância espacial também revela a restrição de acesso dos jovens a espaços culturais de socialização e lazer, como relatado na seguinte fala: *“precisamos de mais facilidade no acesso ao mundo lá fora”*⁴⁸. O projeto nesta escola também contou com a

⁴⁸ Na finalização do ano letivo de 2023, o Projeto PODHE realizou com os estudantes uma visita ao campus da Universidade de São Paulo (USP). A experiência oportunizou conhecer a Universidade de São Paulo, as

participação de um estudante usuário de cadeiras de roda. Neste aspecto, o método mostrou-se um instrumento inclusivo e de fácil adaptação às especificidades dos estudantes. Dessa forma, o Teatro do Oprimido na escola apresentou possibilidades para esse estudante de uma convivência inclusiva. A compreensão das violências na perspectiva de pessoas com deficiência foi um grande aprendizado para o grupo, o adolescente explica que a região carece de *“mais lugares para se divertir e mais acessibilidade para deficientes como eu”*⁴⁹.

A escola também foi lembrada como um espaço de cuidado e afeto, e local de construção de memórias. Esse aspecto foi observado em relatos nos quais os momentos de convivência na escola são lembrados com carinho como no relato a seguir *“gostamos das datas comemorativas porque a gente decora a escola e também o projeto PODHE”*.

Nessa direção o intervalo foi citado como um espaço essencial para a socialização, para conversar e cultivar amizades na escola. Os relatos também citaram com apreço o *“salgado do Val”*, ou seja, a cantina da escola. Os professores e as aulas eletivas também foram lembrados como um importante estímulo para frequentar a escola. De acordo com os estudantes, *“os funcionários são muito esforçados e fazem tudo com amor, por exemplo, as cozinheiras que sempre preparam uma comida muito boa, que às vezes salva o meu dia”*.

Por fim, os participantes propuseram alternativas para o enfrentamento das situações de violência na escola: 1ª) educar os *alunos sobre as violências*; 2ª) trabalhar as emoções que afloram em situações de conflito, *“ter mais diálogo e ter calma, na hora da raiva a situação piora”*; 3ª) O reconhecimento do potencial do diálogo para resolução de conflitos, *“verificar o porquê chegou naquela situação, sempre procurar ouvir as duas pessoas que estavam brigando, comunicação é a chave de tudo!”*.

Na análise dos relatos dos participantes, houve ênfase ao incentivo do respeito, tolerância e do desejo de uma maior compreensão das relações sociais. Nesse aspecto, Edgar Morin (2000), na obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, nos traz um ensinamento importante, nos indagando sobre a compreensão humana: “estamos

formas de acesso e permanência estudantil, assim como os cursos de interesse profissional dos estudantes. Essa iniciativa busca aproximar os jovens do Ensino Médio das escolas parceiras da universidade, ampliando informações sobre as formas de ingresso na universidade pública.

⁴⁹ Em relação à acessibilidade arquitetônica, a escola não possui infraestrutura para acessibilidade completa (rampas, elevadores, banheiros adaptados), o que é um grande entrave para inclusão dos estudantes com restrição de mobilidade.

vivendo uma sociedade individualista, que favorece o sentido de responsabilidade individual, que desenvolve o egocentrismo, o egoísmo que, conseqüentemente, alimenta a autojustificação e a rejeição ao próximo” (MORIN, 2000, p. 8).

De acordo com o autor, não somos ensinados a compreender uns aos outros, a compreensão humana comporta empatia e a identificação, dessa forma, essa experiência com Teatro do Oprimido, com propósito de prevenção de situações de violência na escola, promove nos estudantes, a partir das experiências com violências compartilhadas, uma maior empatia nas relações sociais.

Conclusão

A violência na escola é um fenômeno multifatorial e implica diversos desafios à gestão escolar, professores, e estudantes, para que a escola cumpra o seu papel de educar e formar cidadãos engajados a refletir sobre suas realidades e a promover mudanças sociais. Nesta perspectiva, o propósito dessa pesquisa está em contribuir para o fomento de iniciativas teatrais e educativas que possam contribuir para mudanças no cenário das escolas brasileiras no que se refere a violências.

Menin *et al.* (2013) explica que faltam políticas públicas que as traduzam em ações efetivas nas escolas. Isso faz com que as experiências bem-sucedidas na prevenção a situações de violência na escola no Brasil ainda sejam iniciativas isoladas⁵⁰. O alcance do projeto contemplou duas escolas parceiras, cerca de duzentos e trinta estudantes, uma amostragem pequena diante do crescimento de situações de violências em escolas paulistanas. Para a efetividade de iniciativas como esta, é necessário constância e um sólido trabalho de pertencimento à escola para que seja possível mensurar no dia a dia mudanças na cultura de violência de cada contexto. Contudo, a experiência aqui relatada é singular, trata-se de algo experiencial e pautado nas relações humanas, cabe ressaltar que esse recorte metodológico apresentará resultados diversos de acordo com o contexto de aplicação.

⁵⁰ Essa pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, por meio do projeto “Construindo a democracia no dia a dia: direitos humanos, violência e confiança institucional”, dentro da linha de Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID) no Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP). A Escola Estadual Profa. Amélia Kerr é parceira do Projeto Observatório de Direitos Humanos em escolas (PODHE) desde 2017.

Essa pesquisa apresenta um horizonte a partir de experiências com a linguagem teatral, especificamente com o método Teatro do Oprimido, em que foi possível abordar as violências como experiências integrantes da formação humana e como parte do processo de aprendizagem. O TO na escola, com o objetivo de prevenção de situações de violências, contribui para a formação de sujeitos críticos e capazes de construir comportamentos avessos a violências, mostrando a implicação das Artes Cênicas em provocar mudanças sociais.

A experiência de pesquisa com os estudantes do 1ª série do Ensino Médio na escola Estadual Professora Amélia Kerr demonstrou que o Teatro do Oprimido poderá facilitar o diálogo sobre as violências na escola e facilitar a expressão de sentimentos e emoções dos estudantes. Os instrumentos utilizados na coleta de dados delineiam perspectivas para intervenções educativas relacionadas a violências na escola e poderão apontar direções para professores, gestores e orientadores educacionais. No entanto, a aproximação do método para pesquisa e multiplicação exige pesquisa, formação com curingas do Teatro do Oprimido, e vivência na atuação e mediação das técnicas⁵¹.

Durante a pesquisa, foi observado que os estudantes apresentam lacunas na compreensão dos diversos tipos de violências, chamando a atenção para a urgência de espaços de diálogo na escola para informar os estudantes sobre os diversos tipos de violência e seus impactos na formação humana. Contudo, a pesquisa oportunizou a ampliação do conhecimento sobre violências e interseccionalidades.

Os estudantes participantes identificaram a violência verbal como recorrente no cotidiano escolar, durante os diálogos oportunizados nos fóruns os estudantes demonstraram interesse em rever a forma de comunicação que estabelecem uns com os outros. O alcance da pesquisa não oportunizou mudanças efetivas no cenário de violência da escola, pois a instrumentalização do método precisa de continuidade, constância para a evolução dos participantes e aprimoramento das técnicas. Por outro lado, contribuiu para que em diversas perspectivas os estudantes analisassem as relações sociais estabelecidas na escola e como poderão se implicar em mudanças decididas coletivamente.

⁵¹ Durante a pesquisa, realizei formações do Centro do Teatro do Oprimido (CTO) no Rio de Janeiro, acompanhei as atividades formativas do Grupo de Estudos do Teatro do Oprimido (GESTO) e participei de um intercâmbio na Universidade Federal de Salvador (UFBA) para conhecer o trabalho desenvolvido na especialização Estudos em Teatro do Oprimido: práticas políticas pedagógicas.

Um dos movimentos dessa pesquisa, a partir das oficinas com os estudantes, foi a criação de um minicurso, *Teatro do Oprimido em Interloquções com a violência na escola*, que sistematiza uma série de jogos, exercícios e técnicas do Teatro do Oprimido que nos ajudam a aprimorar as discussões sobre violências na escola. Esse resultado foi compartilhado com as escolas parceiras do projeto, e em cursos de extensão e em eventos acadêmicos, com o objetivo de multiplicação dessa iniciativa para outros educadores, a vivência formativa do curso oportuniza educadores a identificarem as afinidades e potencial do método na prevenção de violências.

Por fim, a pesquisa oportunizou um espaço para expressar sentimentos e dialogar coletivamente sobre experiências com violências dentro e fora da escola, essa dimensão artística e educativa evidenciou, durante o processo, jovens assumindo uma postura participativa e reflexiva sobre suas próprias realidades e sobretudo o desejo de transformá-las.

Referências

ABRAMOVAY, M. **Programa de Prevenção à Violência nas Escolas, Violências nas escolas**. 2ª Edição, Flacso Brasil, 2021. Disponível em: <https://flacso.org.br/>. Acesso em: 03 de jan. 2025.

ALENCASTRO, C. da S.; OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A. I. O Teatro do Oprimido no enfrentamento do bullying: uma experiência com adolescentes escolares. **Revista Aletheia**, v. 52, n. 1, p. 177-188, jan./jun., Canoas, 2019.

ASSIS, S. G.; CONSTANTINI, P.; AVANCI, J. Q.; NJAINE, K.; eds. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. [Online]. 2nd ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2023, 286 p. ISBN: 978-65-5708-150-1. <https://doi.org/10.7476/9786557082126>.

BRASIL. **Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental**. Relator: Daniel Cara, Brasília: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-Informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>, Acesso em: 19 de ago. 2024.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BOAL, A. **O teatro como arte marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 16 n. 2, jul-dez 2025

BOAL, A. **O arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BLOTTA, V.; RUOTTI, C.; outros. **Relatório – Experiência Piloto no município de São Paulo (2017-2018)**. São Paulo: NEV/USP, 2019. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/publicacao/relatorio-do-podhe-experiencia-piloto-no-municipio-de-sao-paulo-2017-2018/>. Acesso 02 de jan. de 2025.

CANDA, C. N. **Paulo Freire e Augusto Boal: Diálogos entre Educação e Teatro**. HOLOS, [S. l.], v. 4, p. 188-198, 2012. <https://doi.org/10.15628/holos.2012.742>. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/742>. Acesso em: 2 dez. 2024.

CAVALCANTE M.; PUGLIESE R. O Teatro do Oprimido como instrumento no combate à naturalização da violência no ambiente escolar. **Cadernos do GIPE-CIT**; n. 40 2020 Teatro do Oprimido: Práticas Político-Pedagógicas - “Ensaio para a Revolução”.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Porto Alegre. **Revista eletrônica Interface**, ano 4, n. 8, jul/dez 2002, pp. 432-443. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>. Acesso em 03 de jan. 2025.

DEBARBIEUX, E. **Cientistas, políticos e violência**: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas? In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (org.). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília, DF: Unesco, 2002.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FONTAINE, R.; RÉVEILLÈRE, C. Le bullying (ou victimisation) en milieu scolaire: description, retentissements vulnérabilisants et psychopathologiques. **Annales Médico-Psychologiques**, Paris, v. 162, n. 7, p. 588-594, 2004.

FERNANDES, K. C. **Teatro social dos afetos**. [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22108>. Acesso 03 de jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo, SP, Paz e Terra, 1979.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARD, R. **La violence et le sacré**. Paris, Éditions Bernard Grasset, 1972.

hooks, B. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

KRUG, E. *et al.* (org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LAHR, T. B. S. **Territórios vulneráveis: os problemas de convivência na escola e a rede de proteção**. 2022. 533f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2022.

LUIZ, M. C.; MORITO, J. V. Violências verbais nas relações professor-aluno: conflitos, conflitualidades e o reconhecimento social. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 1, p. 0297-0313, jan./mar. 2022. e-ISSN: 1982-5587. <https://doi.org/10.21723/riaee.v.17.i1.14067>.

MENIN, M.; BATAGLIA, P.; ZECHI, J. **Projetos bem-sucedidos de educação em valores: relatos de escolas públicas brasileiras**. São Paulo: Cortez, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORITO, J. V.; SILVA, C. M. P.; MOURA, D. C. O. Sociologia da Experiência de Dubet e as violências verbais nas convivências escolares. São Carlos: **Cadernos da Pedagogia**, v. 13, n. 26, p. 137-147, 2019.

PUREZA, J. da R.; MARIN, A. H.; LISBOA, C.S. de M. Intervenções para o Fenômeno Bullying na Infância: Uma Revisão Sistemática da Literatura. **Interações em Psicologia**, 2016, v. 20, n. 3, pp. 341-352.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007.

RUOTTI, C.; BLOTTA, V. **Caderno PODHE nº 1: Proposta geral e contornos metodológicos do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas**. São Paulo: NEV/USP, 2023.

SANTOS, B. **Teatro do Oprimido: Raízes e asas – uma teoria da práxis**/Bárbara Santos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

SILVA M. F.; GOMES da S.; FÁTIMA, M. de. A educação como prática da liberdade por meio do Teatro do Oprimido: novas aplicações educacionais. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 20, n. 66, p. 1410-1435, jul./set. 2020.

VINHA, T. *et al.* **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos**. São Paulo: D3e, 2023.